

Entre O Muro e A Encruzilhada, As Brilhetes de Anchieta (Des) Organizam

Sabrina Dias Veloso¹

¹**Sabrina Dias Veloso**

Mestranda em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense – UFF
Contato: sabrina.diasveloso@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa apresentar as diferentes formas de táticas cotidianas e sociabilidade de um grupo de mulheres bate-bolas. A partir da vivência com a turma feminina de bate-bola Brilhetes de Anchieta, busco fazer um paralelo com conceitos estabelecidos e a experiência de estar junto com elas em um dia de pintura do muro, uma das inúmeras confraternizações presentes na manifestação cultural tão importante para o carnaval do subúrbio e da cidade do Rio de Janeiro. Dentro de um recorte territorial, serão abordadas questões relacionadas à cultura da encruzilhada e como ela se relaciona com as ações promovidas pelas agentes culturais desta pesquisa.

Palavras-chaves: Bate-bolas; Brilhetes; Território; Encruzilhada.

Introdução

Vou mostrando como sou e vou sendo como posso,
Jogando meu corpo no mundo.

Música: Novos Baianos – Mistérios do Planeta¹

¹ Apesar da música ser dos Novos Baianos, reforço que o sentido que gostaria de dar a essa epígrafe

² O carnaval entendido aqui como uma celebração “inventada” pelo catolicismo, dentro de uma ordem cíclica de início, meio e fim conforme afirma Ferreira (2005, p. 24). Mantendo, até os dias de hoje, diversos elementos que variam entre a ordem e a desordem, e que, no contexto da cidade do Rio de Janeiro, é fortemente marcado por relações de poder.

³ Poder próprio do orixá Exu. Orixá do movimento, da comunicação, das trocas. Aquele que “faz o erro virar acerto e o acerto virar erro”, que rompe com uma visão única da vida e nos ensina a viver além de padrões e dogmas estabelecidos pelo poder hegemônico.

Festa, encontro, carnaval, cultura de encruzilhada do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, são diversos sentidos e caminhos que se abrem quando falamos sobre as turmas femininas de bate-bola da cidade. O ritual dos bate-bolas reserva uma multiplicidade de simbolismo, imagens, sociabilidades e performances, que têm seu ápice nos dias de carnaval. Representam uma manifestação à parte no carnaval hegemônico carioca; possuem uma relação direta com seu território e transformam o carnaval desses locais, em sua maioria, bairros localizados no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, quebram regras cotidianas através da brincadeira, invertendo a ordem instituída².

Os caminhos metodológicos que escolhi utilizar uma diversidade de autores, em especial os que tratam de experiências plurais, essa pesquisa espiralar envolveu trabalho de campo que contou com observação participante. Haddock-Lobo (2020, p. 22) chama a atenção para o fato de que a pesquisa sobre cultura popular brasileira só pode acontecer caso o pesquisador saia às ruas, “aberto aos encontros que as encruzilhadas propiciam”, nesse sentido, o presente artigo pretende localizar as bate-bolas dentro da cultura de encruzilhadas, a partir da reflexão de Martins (2002) e Rufino (2016), além do conceito de potência exusíaca³ de Rufino e Simas (2018).

Pretendo analisar o recorte do ritual, a partir da vivência de um dia com o grupo Brilhetes de Anchieta, no contexto da pintura do muro da turma e interpretar, a partir das socialidades e performances, a noção que a cultura de encruzilhada pode nos trazer. A partir do convite feito por elas, fui a uma das confraternizações promovidas pela turma de bate-bola. A “tropa” tem sua origem no bairro Parque Anchieta, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, mesmo local de que sou cria, por conta disso, estar junto com as brilhetes também está relacionado à minha infância e adolescência passada no bairro Parque Anchieta, na década de 1990 e início dos anos 2000. De acordo com Pollack (1992, p. 202), a memória também é constituída de lugares, existem lugares particularmente ligados a uma lembrança pessoal ou em grupo.

Acredito na pesquisa que vai além da observação, aquela em que há uma interação entre os sujeitos, tanto os que movem a manifestação cultural quanto aqueles que a analisam. Escrever sobre o outro é também uma maneira de escrever sobre si mesmo. Por conta disso, o presente trabalho será narrado em primeira pessoa, e a partir da experiência etnográfica será registrada a sensação do encontro com o outro e toda construção que surge nessa experiência, que pode ser considerada a primeira oficialmente enquanto pesquisadora de mulheres bate-bolas. Apresentar a arte, especialmente feita por mulheres, é de extrema importância, especialmente no contexto político em que estamos vivendo hoje, onde políticas públicas para as mulheres e para a cultura estão sofrendo diferentes repressões ideológicas. Esse trabalho não será novidade e muito menos fundador de uma nova narrativa metodológica, apenas pretende-se mostrar como essas mulheres jogam seus corpos no mundo.

Este artigo se insere dentro do campo interdisciplinar da Cultura e da Territorialidade. Este estudo é sobre pessoas, como colocam seus corpos no mundo? Como performam dentro desse ritual? Como subverter e inverter e ser a ordem? Como é operar na encruzilhada? Todas essas questões serão abordadas ao longo desse texto. Dito isso, os cruzos e atravessamentos, ordem e caos, ampliam o conhecimento e contribuem para o debate acerca das mulheres bate-bolas e ajudam a trabalhar em conjunto os e as agentes que realizam essa transgressora manifestação cultural.

As Brilhetes: Ritual, Encruzilhada e Território

Os bate-bolas são considerados turmas de mascarados que brincam nas ruas do carnaval do Rio de Janeiro, existe uma certa dificuldade em localizar a origem dessa manifestação cultural, mas segundo Frade:

Sobre sua origem nada temos ainda de concreto. Sabemos apenas, segundo relato de antigo morador de Santa Cruz (local onde a presença desse personagem é mais numerosa), que teriam se originado dos alemães que para ali vieram em 1930, época da construção de um hangar de zepelim. Esses estrangeiros costumavam se vestir de palhaços no carnaval. Mas palhações, cujas indumentárias estavam inteiradas com a real profissão de seus usuários: tênis e calças bufantes presas às meias soquetes. “Clovis” seria, então, uma corruptela de “clowns”. Fica, porém, aqui apenas essa curiosa narrativa de um fato cuja origem ainda está exigindo pesquisa e estudo (FRADE, 1979, p. 77).

A intenção no presente trabalho não é fazer um histórico sobre a origem dessa manifestação cultural, porém, é importante entender que há diversos elementos que a constituem, isso inclui seus antecedentes, a partir daí temos uma série de cruzamentos de diferentes elementos culturais que nos leva até os dias atuais. Sobre isso, diálogo com Martins (2002) quando, observando a dinâmica dos processos de trânsito sógnico, suas interações e interseções, utiliza-se do termo encruzilhada como uma ideia teórica, um projeto político, educativo e epistemológico, conforme afirma Rufino (2016), sendo a encruzilhada vista como um conceito:

A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim. (MARTINS, 2002, p. 73)

A encruzilhada está presente em toda história das turmas femininas de bate-bola, sendo elas um cruzamento das já existentes turmas masculinas, com diversos elementos do carnaval, além daqueles que são criados por elas, dentro da esfera do ritual, a prática ritual pensada aqui a partir do conceito de liminaridade, que, segundo Turner (1974, p. 117), é uma situação momentânea na qual os indivíduos estão desprovidos de suas posições sociais permanentes, que, dentro do contexto das bate-bolas, inclui da organização à saída das turmas.

Cria do bairro Parque Anchieta, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, a turma de bate-bola feminino Brilhetes de Anchieta foi criada em 2013. A turma surge a partir do bate-bola masculino “Turma do Brilho”, turma que surgiu no mesmo bairro em 1991, em contrapartida a essa protagonismo, a partir da necessidade de uma das integrantes, Vanessa Amorim – hoje cabeça⁴ da turma –, de ter um grupo composto apenas por mulheres, e passou a disputar a atenção do carnaval em Anchieta com os grupos de bate-bolas formado por homens. Segundo Carneiro (1995, p. 119), “ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos”. Nesse sentido, as mulheres bate-bolas, muitas vezes sem a intenção, podem enxergar a atividade que exercem a partir de seu local de pertencimento, com as devidas especificidades.

Uma das características dessas chamadas turmas na atualidade é: estão em territórios suburbanos e periféricos e, como em boa parte das turmas de bate-bolas, as brilhetes carregam no título o nome do bairro que estão inseridas. Para Haesbaert (2004, p. 2), o território é uma construção, vai além da dimensão física, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário do território “unifuncional” proposto pela lógica capitalista hegemônica. Santos (2011, p. 14) aponta que o território tem que ser entendido como território usado, e não o território em si, ele não é apenas um conjunto de sistemas naturais e de sistema de coisas superpostas, é o chão mais a identidade. Dentro dessa lógica, a identidade, é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, nesse sentido, o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

A relação dessas turmas com o território é de extrema importância, pois tem total ligação com suas práticas, como a maneira como ocupam e se identificam. São elementos inseparáveis, a construção de uma identidade não é autorreferenciada, ela depende do reconhecimento social, da aceitação:

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (POLLAK, 1992, p. 5).

⁴O termo cabeça se refere à integrante líder da turma, aquela que mobiliza as reuniões, festas, arrecadação do dinheiro para a compra da fantasia etc. O termo é utilizado tanto em turmas femininas quanto em turmas masculinas.

No caso das brilheteas, a identidade é uma construção constante, de produção coletiva, resultando na afirmação delas diante das outras e dos outros, isso inclui a parte masculina da turma, uma das principais características da identidade é reafirmação da diferença, estão em uma relação de estreita dependência, como afirma Silva (2000, p. 74). Muitas vezes essa reafirmação vem através das roupas, apesar de alguns estilos serem fixos e característicos, se diferenciam na temática, nas cores, e em diversos elementos que o compõem, e isso pode ser visto tanto com relação a outras turmas de outras localidades, quanto da turma masculina que a “originou”.

O estilo da turma é o bola e bandeira, segundo Pereira (2018, p. 108), o estilo é conhecido por esse nome por conta de dois elementos característicos: a bexiga e a bandeira de mão, conforme figura abaixo.

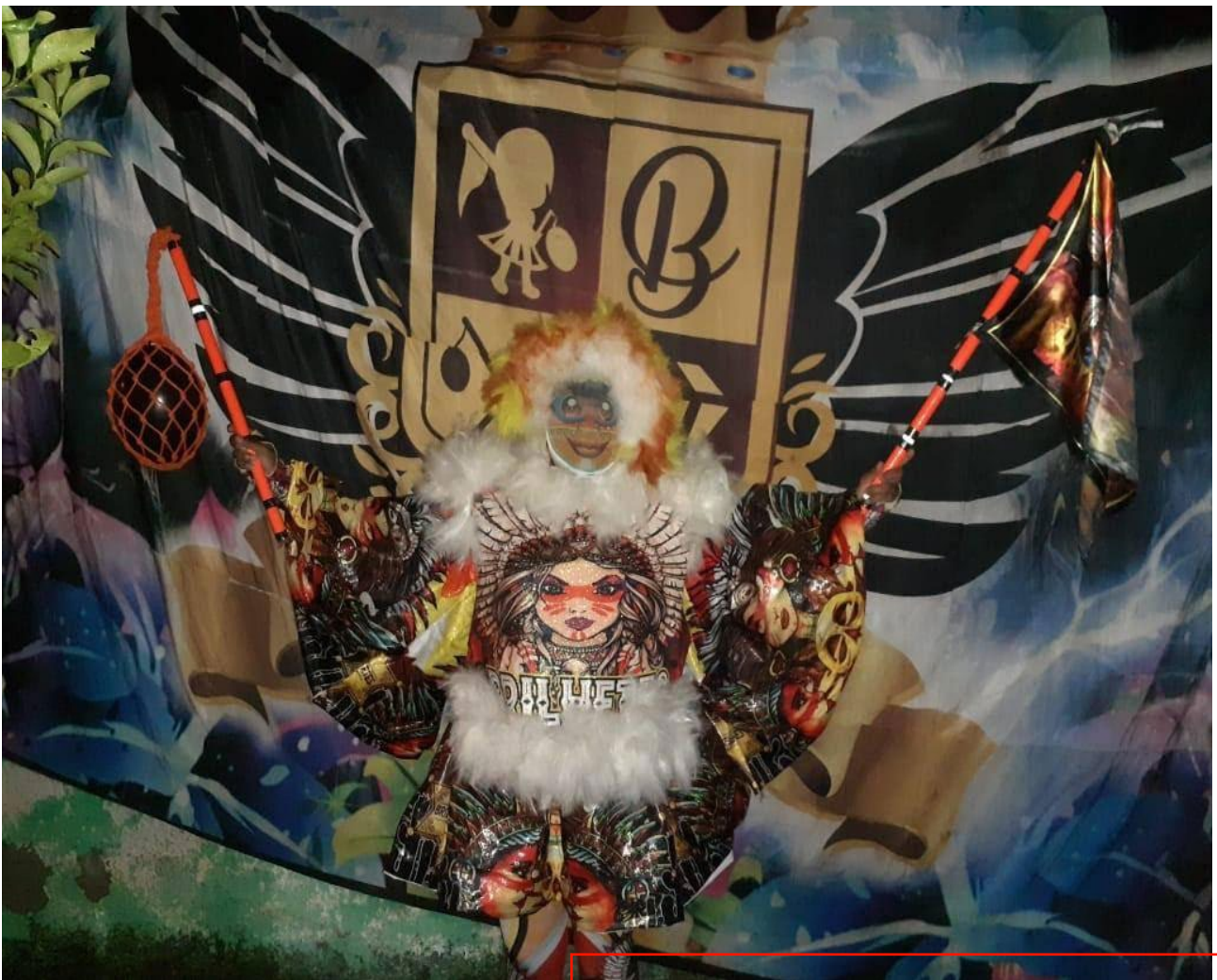


Fig. 01: Bate-bola feminino estilo bola e bandeira

De acordo com a autora, o estilo é bastante difundido nos bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro. Ainda sobre essa questão, segundo Pereira:

As turmas desse estilo parecem preferir adotar temas que remetem à cultura de massa, em geral. Para elas, parece que o maior sentido da brincadeira é demonstrar numerosidade de componentes e poder, pela força e pela agilidade (2008, p. 108).

Vanessa sempre se coloca como uma líder, uma pessoa que está à frente da turma e que exerce uma função de colocar “ordem na casa” para a construção das festas, reuniões e das saídas que acontecem nas ruas, momento em que este corpo-território se insere nas ruas dos bairros do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, ocupando territórios que, por muitos anos, foram palco apenas da turma masculina, mas que, há 9 anos, vem sendo preenchido pela turma feminina. Gago aponta que:

A conjunção das palavras corpo-território fala por si mesma: diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. Corpo e território compactados como única palavra desliberaliza a noção do corpo como propriedade individual e específica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território. (GAGO, 2020, p. 79)

Nesse sentido, o uso das ruas por essas mulheres, dentro da dinâmica dos bate-bolas, deu novo significado ao rito, trazendo novos elementos e lideranças, utilizando esse território também como lugar de encontro delas. Aqui busco novamente a encruzilhada de Martins (2002, p. 73) para falar desse entrelugar, lugar terceiro e simbólico que é criado a partir do cruzamento desses elementos que atravessam passado, presente e futuro. No caso das brilhetes, esse corpo que está submerso de complexidades culturais e sociais, mas que se joga nesse mundo, de cruzamentos espiralar, onde “nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta” (MARTINS, 2002, p. 84), buscando, na memória do passado, elementos que fortalecem o presente, vislumbrando o futuro. Bhabha chama atenção para a resignificação do passado, fazendo com que a tradição seja mantida através da transformação de quem a recebe:

As narrativas de reconstrução histórica podem rejeitar tais mitos de transformação social: a memória comunal pode buscar suas significações a partir de um sentido de causalidade, compartilhado com a psicanálise, que negocia a recorrência da imagem do passado, enquanto mantém aberta a questão do futuro. A importância de tal retroação está na sua habilidade de reinscrever o passado, de reativá-lo, de realocá-lo, de ressignificá-lo. E, o que é ainda mais significativo, ela submete o nosso entendimento do passado, a nossa reinterpretação do futuro, a uma ética da “sobrevivência”, que nos permite trabalhar através do presente. E tal trabalho através, ou trabalho dentro, nos liberta do determinismo da inevitabilidade histórica – a repetição sem a diferença. Ele possibilita que nos confrontemos com essa difícil fronteira, a experiência intersticial, entre o que tomamos como imagem do passado e o que está realmente envolvido na passagem do tempo e na passagem do significado. (BHABHA, 2012, p. 57)

Só há morte para o esquecimento, percebe-se que a tradição é um campo que possui uma continuidade. Ela é dinâmica, se reinventa e se reatualiza a partir de suas práticas e gerações que vão participando dela. No caso dos bate-bolas, a presença das mulheres deu, de alguma forma, um novo sentido à brincadeira, transgredindo, mas mantendo a repetição.

As Brilhetes, por meio da figura da cabeça da turma, se mobilizam de forma criteriosa e hierárquica para organizar seus desfiles de forma autônoma, na maioria das vezes, sem ajuda do poder público, criando, assim, diversas possibilidades de invenção cotidiana, bem como a arte do cruço, definida por Rufino (2019, p. 86) como a arte da rasura, das desautorizações, das transgressões necessárias, da resiliência, das possibilidades, das reinvenções e transformações e que possui relação direta com a cultura de encruzilhada e com as táticas cotidianas. Suas performances nas ruas afirmam sua identidade, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias (SCHECHNER, 2003, p. 27). Causam desordem no ritual do carnaval, que, muitas vezes, a partir do poder público, dentro da sua ordem legitimadora, possui seus ritos de instituição (BOURDIEU, 2008, p. 98), ou seja, com suas ações de distinção, dita regras e possui um conjunto fechado de coisas que variam de um local para outro.

Nesse contexto, as bate-bolas, ao dominarem um território fora do contexto hegemônico, subvertem essa metodologia, quebrando um padrão preestabelecido, resistindo e negociando, utilizando táticas cotidianas; “chamo por tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro” (CERTEAU, 1994, p. 100). Das inúmeras táticas realizadas pelas mulheres que brincam de bate-bola, muitas acontecem fora do período do carnaval, atividades que ajudam na elaboração das saídas e de outras atividades exercidas por elas dentro desse contexto, atividades que exigem organização e ordem, mas que é passível de rupturas, elas desorganizam a ordem estabelecida para reorganizar, como na letra da música Da Lama ao Caos, “me organizando posso desorganizar”⁵ e vice-versa.

⁵ Canção Da Lama ao Caos da banda pernambucana Chico Science & Nação Zumbi. A letra da música foi escrita por Chico Science.

A pintura do muro das Brilhetes de Anchieta: O exusíaco e a irmandade

Em um domingo de sol, no dia 18 de julho de 2021, fui acompanhar a pintura do muro das brilhetes e da turma do brilho. O início da pintura estava marcado para começar às 11h, mas não consegui chegar a tempo, cheguei no fim da tarde quando o muro já estava pronto e as brilhetes estavam sociabilizando com muito funk e cerveja. Penso em Maffesoli (1998, p. 109) quando, ao falar da socialidade, diz que as festas populares, em especial o carnaval, possuem capacidade de juntar os indivíduos, com uma multiplicidade de círculos, cuja articulação preenche o viver social. Foi exatamente o que encontrei naquele momento, uma grande socialidade entre sujeitos, muitas vezes de uma mesma família e quando não, é como se fossem.

Fui recebida pela cabeça, Vanessa Amorim, que me apresentou as demais integrantes, dentre elas sua própria mãe e a Mayara, que é a responsável por cuidar do Instagram da turma. De um modo geral, as outras meninas, talvez por não me conhecerem, preferiram confraternizar apenas entre elas. Vanessa acabou ficando pouco tempo conversando comigo, por ser a líder e principal responsável pelas confraternizações, então teve que se ocupar com a organização do encontro. Mayara por sua vez ficou o tempo todo ao meu lado, trocando uma ideia sobre o processo e a paixão de sair de bate-bola pelas brilhetes.

A pintura do muro consiste numa confraternização, que é anual e fora do período do carnaval, normalmente utilizam um tema que pode ser a temática da saída do próximo ano ou apenas uma prévia, o intuito, para além da festa, é confraternizar com outras turmas e arrecadar fundos para as próximas etapas do ritual.



Fig. 02: Muro das Brillhetes, 2021

O que mais me chamou atenção, para além da organização da festividade, foi o local onde foi realizada a pintura. No cruzamento de três ruas (Rua Lucio José Filho, “a principal”, Rua Francisco Macedo e Rua Amaro da Silvera), que já tinha conhecimento, por também ser cria do bairro, que são visivelmente uma encruzilhada, nesse sentido, como um local físico, como podemos observar na figura 3:



Fig. 03: A encruzilhada onde está o muro do Brilho e das Brillhetes

As bate-bolas me asseguraram que não foi proposital, que o local já é fixo e que, inclusive, o muro da casa pertence a uma pessoa evangélica e há uma certa negociação do tipo de personagem que pode ser pintado, nada que tenha alusão aos personagens de caveira, diabo etc. é permitido. Essa negociação pode ser encarada como uma prática de resistência, ou como observa Bhabha (1998, p. 240), são práticas “produzidas no ato da sobrevivência”. Quem vive à margem está sempre em negociação, preenchendo o “vazio” com presença, numa potência exusíaca que nos leva a uma ambivalência própria deste orixá, pois Exu é considerado o mais humano dos orixás, o princípio de tudo, a transformação é o agente transgressor que cumpre a tarefa de fiscalizar a ordem (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 118).

Entender a dinâmica das bate-bolas como cultura na encruzilhada nos mostra como as contradições são importantes dentro do contexto desta manifestação cultural, a maneira como criam possibilidades e acham soluções para tensões culturais, apresentam um outro caminho de ocupar a rua, gingando nas frestas, entendendo a cidade como lugar de encontro (SIMAS, 2020, p. 75), jogando esse corpo no mundo, naquele território afastado do centro da cidade, muitas vezes, transformando a experiência de viver ali:

Os espaços menos espetaculares da cidade resistem, assim, nesses corpos moldados pela sua experiência, ou seja, resistem nas corpografias resultantes de sua experimentação, uma vez que esses corpos denunciam, por sua simples presença e existência, a domesticação dos espaços mais espetacularizados, sua transformação cenográfica. (JACQUES; BRITTO, 2008, p. 83)

A pintura do muro me fez perceber como esses corpos dão vida ao território, me fizeram olhar de outra maneira para aquelas ruas que conheço bem, morei por 27 anos no Parque Anchieta, minha família ainda reside no bairro, então o olhar para esse território vai muito além do olhar de pesquisadora, existe uma ligação territorial. Concordo com Fabian quando ele alerta que “toda experiência pessoal é produzida sob condições históricas, em contextos históricos; ela deve ser utilizada com consciência crítica e constante atenção às suas reivindicações dominantes”. (FABIAN, 2013, p. 117).

Enquanto ia fazendo essas percepções internamente, e pensando em não esquecer para anotar isso quando chegasse em casa, Mayara ia falando sobre a admiração que ela e as outras meninas têm para com a Vanessa, de como ela é uma líder que se coloca e organiza toda a estrutura da turma e a vida pessoal dela, que tem ligação direta com as Brilhetes, visto que ela é casada com o cabeça da turma do Brilho, que é filho do fundador da turma. Essa é outra característica marcante, boa parte das meninas possuem algum tipo de relação afetiva com os rapazes da turma masculina,

isso se reflete na turma mirim, ou seja, existem relações familiares entre as turmas, que deve ser ainda objeto de análises mais aprofundadas, mas o pouco que pude perceber é que elas conseguem manter uma diferença e de interdependência deles. Mas, ainda assim, podem ocorrer relações assimétricas de poder devido a uma estrutura patriarcal em que estamos inseridas, as relações de gênero e poder são construídas reciprocamente.

O poder se exerce sobre o gênero na forma de domínio político, através de ordenamentos jurídicos, ou seja, as relações entre homens e mulheres não são categorias fixas, elas são fruto das relações sociais e de poder que constroem hierarquias e dominações, conforme afirma Scott (1990, p. 92). Ainda segundo a autora, pôr em questão ou alterar qualquer um dos aspectos dessa dupla relação ameaça todo um sistema, nesse sentido, quando as mulheres se unem para a brincadeira e se enaltecem entre si, automaticamente estão quebrando uma relação de poder e criando uma irmandade, uma solidariedade política entre elas, criando resistência.

No caso das brilhaletes, essa irmandade se reflete em toda mobilização e nesse caso específico, no dia da pintura do muro, apenas uma das inúmeras socialidades criadas por elas e que fazem parte de todo ritual das bate-bolas. Hooks (2019, p. 82) afirma que mulheres diariamente exploradas e oprimidas não podem deixar de acreditar em sua capacidade de exercer algum controle, mesmo que relativo, sobre suas vidas, e que elas se unem com base no somatório de suas forças e recursos, é esse tipo de união que caracteriza a irmandade. Foi exatamente isso que vi, naquele domingo, uma grande conexão entre as mulheres em favor de um único objetivo e que, aparentemente, foi conquistado por todas elas.

Já estava anoitecendo e decidi ir embora, conversei com as meninas e elas decidiram que nas próximas festas e confraternizações, eu deveria estar junto, o que me fez refletir bastante. Favret-Saada (2005, p. 159) nos mostra que a experiência de campo não verbal é uma troca, é a forma como o pesquisador vê o mundo que está estudando e como os sujeitos que estão sendo pesquisados nos observam também, então pensei nessa troca de experiências que estávamos começando a construir ali de forma mais direta,

visto que já havíamos trocado muitas ideias remotamente. Nesse sentido, observo como esse senso de comunidade, entendido aqui como pertencimento, que o pessoal possui, e que ficou explícito no dia da pintura do muro, dialoga com a sobrevivência, dentro desse tempo espiralar, entre as táticas de negociação e de resistência, elas asseguram a sobrevivência ao se organizarem em comunidade, criando afetos e, conforme afirma Hooks (2021, p. 160), “Não há lugar melhor para aprender a arte de amar do que em uma comunidade”.

Conclusão

Ver um movimento exusíaco como esse, promovido por duas turmas de bate-bolas, dentre elas uma composta somente por mulheres no Parque Anchieta, bairro estritamente residencial, com escassa oferta de transporte, que possui um IDH de 0,8333, o 66º melhor do município do Rio de Janeiro, e que é muitas vezes esquecido pelo poder público, lembrado pela grande mídia apenas por questões de violência, mostra como sujeitos heterogêneos ressignificam os territórios a partir de suas práticas, mostrando a cultura como modo de vida e como aspecto criativo da sociedade (WILLIANS, 2011, p. 53).

O bairro também é sua referência cultural e fazem parte de todo processo de identidade que envolve a manifestação de cultura. Sobre isso, Laraia afirma que “identidade e territorialidade são, pois, dois requisitos fundamentais para a definição da referência cultural” (LARAIA, 2004, p. 17). A brincadeira está entrelaçada na vida cotidiana desses agentes sociais, não se limita apenas ao período do carnaval. Vai além: desde a concepção do tema até as diversas maneiras de arrecadação de dinheiro para montarem as fantasias. São nos bairros de origem que normalmente desenvolvem esse processo, e são nesses locais que desenvolvem uma relação de identidade com os moradores. Canclini (2015, p. 288), afirma que “os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais”. Isso muitas vezes acontece devido à escassez de direitos oferecidos na cidade, conforme observa Harvey:

O direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmo, é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados (HARVEY, 2013, p. 4).

Por outro lado, essa escassez de direitos faz com que essa tradição local tenha autonomia dentro do seu território de origem, dando abertura para que desenvolvam as táticas dentro dessa manifestação cultural. A rua é esse espaço de subversão do cotidiano (SIMAS, 2020, p. 106), em que essa potência exusíaca se manifesta, criando essa encruzilhada de possibilidades, de diferentes sentidos que nos ajudam a compreender o cotidiano e a sobrevivência de diferentes formas. Inclusive, realizando recorte de gênero, pois é nessa acumulação de desobediências que as mulheres tentam criar suas formas de resistência, sempre gingando, “a terceira cabaça é a do inesperado: nela mora a cultura” (SIMAS, 2020, p. 106).

Enquanto pesquisadora, vinha acompanhando as atividades das brilhetes remotamente, até o dia da pintura, que, dentro do contexto pandêmico, causou um misto de inseguranças, mas que foi quebrado exatamente quando cheguei no local e fui acolhida por aquela comunidade. Enquanto ia conversando com as meninas, fui entendendo não só toda a estrutura que envolve o ritual, entendido aqui como um processo cultural, porque “toda teoria do ritual é uma teoria da cultura.” (CAVALCANTI, 2009, p. 7), das bate-bolas, mas, também, todo o sentimento que envolve o que é ser e performar o bate-bola, a vida dessas agentes culturais está totalmente ligada aos seus cotidianos, vai muito além do carnaval, é reinvenção diária, é celebração de afetos, mas é negociação, porque a vida não é binária, então subverter padrões pré-estabelecidos é também negociar a desordem através da ordem, o que é próprio de Exu e do mundo da rua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“Parque Anchieta” (19 Set. 2021). Google Maps. Google. Consultado em < https://www.google.com/maps/@-22.8339745,-43.410846,3a,75y,88.69h,79.41t/data=!3m6!1e1!3m4!1skoxu4YH_rblwcpIWN-DwXDw!2e0!7i16384!8i8192>

ACERVO, Brilhetes de Anchieta. Bola e Bandeira. 19 de julho de 2021. Fotografia. Rio de Janeiro. Disponível em:< <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2560379440904537&set=pb.100007975181388.-2207520000.&type=3>>

ACERVO, Brilhetes de Anchieta. Pintura do Muro. 19 de julho de 2021. Fotografia. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2981407572135053&set=a.1384017578540735>>

BHABHA, Homi. O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha. Eduardo F. Coutinho (org.); introdução: Rita T. Shimidt; tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. A. Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer, prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., 1ª reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Clássicos; 4)

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. (P. 7-16; p.133-162)

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. In: Revista Estudos Feministas. v.3 n.2, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

FABIAN, Johannes. O Tempo e o Outro: Como a Antropologia Estabelece Seu Objeto. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. Tradução: Paula de Siqueira Lopes. Cadernos de Campo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERREIRA, F. O Livro de ouro do carnaval brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FRADE, Cascia. Folclore. 2.ed. São Paulo: Global, 1997 (Coleção Para entender, III).

GAGO, Verónica. A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo (2019).

GELL, Alfred. “The problem defined: The need for an anthropology of art”. In: Art and agency: an anthropological theory. Oxford, Clarendon Press, 1998. Tradução: Paulo Henriques Britto – Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte. Revista Poiesis, Tradução de Paulo Henrique Brito.

HADDOCK-LOBO, R. A gira macumbística da filosofia. Revista CULT, São Paulo, ano 23, edição 254, 2020, p. 21-25.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, A. L. [et al.]. A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço. Canoas-Porto Alegre: Ed. ULBRA-Ed. da UFRGS, 2008. p. 19-36. (Conferência que Haesbaert fez em 2004 no I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Curso de Geografia da ULBRA e AGB-Porto Alegre).

HARVEY, David. O direito à cidade. Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.

HOOKS, Bell. Teoria feminista: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade (2008).

MAFFESOLI, Michael. O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. pp. 101-168.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. IN: RAVETTI, Graciela e ARBÉX, Marcia (org.). Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002.

PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro. 2008. 183 fls. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes – UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5.n. 10, 1992, p. 200-212.

RUFFINO, Luiz. Exu e a pedagogia das encruzilhadas. Seminário dos Alunos do PP-GAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro: 2016.

RUFFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. 1º. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 164p.

SANTOS, Milton. BECKER, Bertha (org.). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 3.^a ed. 2011.

SCIENCE, Chico. Da Lama ao Caos. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77655/>>. Acesso em: 18 novembro 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995, pp. 71-99.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais /Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMAS, L. A.; RUFFINO JUNIOR, L. R. Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. 124p.

TURNER, Victor W. O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e materialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2011. pp.43-68.